



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

**ATRAVESSAMENTOS CULTURAIS E CRISE AMBIENTAL NA ATUALIDADE:**

**MODOS ECOLÓGICOS DE VIDA NO ROCK'N ROLL<sup>1</sup>**

**Virgínia Tavares Vieira<sup>2</sup>**

**Paula Corrêa Henning<sup>3</sup>**

**RESUMO:** O presente estudo busca estabelecer um diálogo entre Música, Sociedade e Educação Ambiental. Para isso, colocamos sob análise alguns discursos da Educação Ambiental, com o objetivo de problematizar de que forma a música, através do gênero Rock'n Roll, vem contribuindo para pensarmos na crise ambiental que se instala na atualidade. Para dar conta de responder a essa investigação, selecionamos como aporte teórico, autores como Zygmunt Bauman, Isabel Carvalho e Félix Guattari. Nesse estudo, destacamos a importância de voltar nosso olhar para outros espaços como produtores de saber, bem como entendemos a música como um importante artefato cultural que vem produzindo modos de ser e viver a contemporaneidade. A pesquisa vem demonstrando também, o quanto o rock está preocupado com a crise ambiental, já que temas como a destruição da natureza, o meio ambiente, o consumo, o lixo, o derretimento das geleiras, o aquecimento global vem sendo frequentemente abordadas nas letras de músicas selecionadas.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental; Rock'n Roll; Crise Ambiental.

**ABSTRACT:** This study seeks to establish a dialogue between Music, Society and Environmental Education. For this, we put under analysis some of the speeches of these knowledge's fields, with the intention to discuss how music, through the Rock'n Roll gender, has contributed to make us think about the environmental crisis that takes place at the present time. This crisis has been widely disseminated by different cultural artifacts and examined especially since the 90's of last century. The article presents, at first, some arts' layers and their importance in the culture at different historical moments. Later on, the environmental crisis in the current scenario is discussed and rock is contextualized as a cultural phenomenon of the twentieth century. In order to answer this investigation, we selected, as theoretical support, authors such as Zygmunt Bauman, Isabel Carvalho and Felix Guattari. In this study, we highlight the importance of turning our attention to other areas as producers of knowledge; also, we understand music as an important cultural artifact that has been producing ways of being and living nowadays. The research has shown how much rock is concerned with the environmental crisis, once issues such as nature's destruction, the environment, consumption, waste, melting glaciers and global warming has been often addressed in the selected lyrics.

**Key words:** Environmental Education; Rock'n Roll; Environmental Crisis.

<sup>1</sup> Pesquisa financiada pelo Observatório da Educação/CAPES.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande. E-mail: [vi\\_violao@yahoo.com.br](mailto:vi_violao@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande. E-mail: [paula.henning@ig.com.br](mailto:paula.henning@ig.com.br)

## **Provocações Iniciais**

As artes expressam as características culturais, políticas e sociais de cada época através de suas obras, sejam na pintura, na arquitetura, no cinema, na literatura ou na música. Diversos foram os pensadores de distintas áreas do conhecimento que se preocuparam em entender a relação entre arte e sociedade, criando teorias que estavam além do caráter social, abrangendo também os aspectos estéticos, históricos e filosóficos. Bay (2006, p. 3) salienta que “o traço comum a todas essas abordagens é a constatação de que arte e sociedade são conceitos indissociáveis, uma vez que ambos se originam da relação do homem com seu ambiente natural”. Corroborando com a afirmação, Bauman (1998) entende a arte como um movimento de vanguarda que “abre” caminhos para a sociedade se guiar.

Nas últimas décadas, principalmente a partir dos anos 80, a música cada vez mais vem despertando o interesse de estudiosos e pesquisadores, não só por parte das ciências musicais, como também na área da história, da filosofia e da sociologia como um instrumento de grande relevância para compreender nossa história e a realidade que nos cerca.

Por ser uma forma de manifestação e expressão do homem, as artes, aqui especificamente a música, torna-se um campo privilegiado para abordar questões e temas importantes que fazem parte do nosso cotidiano. Nesse sentido, poder-se-ia dizer que a criação artística é influenciada por diversos setores que fazem parte de nossas vidas, sejam eles sociais, políticos, econômicos, culturais e de relações humanas, levando sempre em consideração a história e a diversidade cultural da sociedade em seu tempo e lugar. Além disso, a música em seu significado próprio comunica sentidos que, de alguma maneira, constroem subjetividades humanas.

Para o historiador José Geraldo Vince, da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), por ser uma dimensão da cultura humana, a música está completamente assentada à sociedade da qual faz parte.

A música revela e constrói a sociedade da qual participa, e é, ao mesmo tempo, construída por ela. A música faz parte do universo humano, da cultura humana, e obviamente influencia os modos de vida e as relações sociais dos que estão a sua volta; e a sociedade, por outro lado, está construindo a música a todo momento, reconstruindo e repensando. (VINCE, 2010, s/p).

O autor acima se refere à construção da música e sua relação com a sociedade como uma via de mão dupla. Não podendo separar uma coisa da outra. O autor procura mostrar o quanto música e sociedade são constituintes e constituidoras das questões sociais, políticas, econômicas e culturais de uma determinada época.

Nossas inquietações neste trabalho é investigar de que forma a música, através do Rock'n Roll, vem contribuindo para pensarmos na crise ambiental que se instala na atualidade. Para dar conta de responder a essa investigação, selecionamos bandas de Rock que abordam em seus trabalhos a crise ambiental, para então analisar os enunciados de natureza, meio ambiente, homem e consumo, presentes em tais letras.

No decorrer deste trabalho, apontaremos alguns movimentos sociais que tiveram em sua gênese a influência de questões políticas, econômicas e culturais de sua época. Nesse sentido, pretendemos evidenciar o quanto a sociedade e a música estão interligadas, justificando assim este estudo, bem como a importância da música para esta pesquisa, que tem como foco a crise ambiental.

### **A Crise Ambiental em exame**

Hoje o mundo vive uma crise ambiental que decorre do modelo social, econômico, político e cultural. Assim, como as transformações técnicas científicas, o aquecimento global, o derretimento das geleiras, as toneladas de lixo, o demasiado uso dos recursos naturais, os nossos modos de ser e viver no mundo contemporâneo acabam contribuindo também para a degradação do planeta (GUATTARI, 2008).

Não há dúvida de que o Planeta Terra vive hoje um tempo de intensas transformações, desequilíbrios ecológicos, catástrofes e que isso ameaça a vida da população. Diante de tanta devastação, percebemos que há uma preocupação global com a crise ambiental, e que esta acabou tornando-se uma questão central nos meios de comunicação de massas, nas escolas, em empresas, assim como nas organizações com chefes de estados de diversos países na busca de encontrar alternativas para a problemática ambiental.

A década de 60 do século passado, conhecida como a época dos grandes movimentos sociais, viu eclodir no mundo uma insatisfação por parte da sociedade nas formas de viver da época. Tempo que ficou marcado pelo movimento feminista, o movimento ecológico, a revolução de maio de 68 na França e o endurecimento dos governos autoritários que se instalava na América Latina.

No que tange a problemática ambiental, a partir desse período foram realizadas reuniões, congressos, conferências mundiais com o objetivo de colocar em pauta a poluição, o consumo, a utilização dos recursos naturais e o crescimento da população mundial. Começa a surgir então uma preocupação com a situação de degradação do meio ambiente e o futuro da população. Em decorrência disso, e preocupada com a real situação de degradação do meio

ambiente, com a vida da população e com a qualidade de vida das futuras gerações, a Educação Ambiental (EA), “enquanto ação educativa” aparece como alternativa intercessora entre o campo educativo e a crise ambiental (CARVALHO, 2008).

A partir da Convenção-Quadro das Nações Unidas, com encontros anuais, criou-se também o Protocolo de Kyoto, em 1997, que estabelecia metas para emissão de gases na atmosfera para os países desenvolvidos. Outro importante acontecimento foi à reunião de Copenhague (2009), que tinha como objetivo discutir um novo plano de ação sobre as mudanças climáticas para a substituição do Protocolo de Kyoto.

O olhar da sociedade está voltado para os problemas ambientais e, em decorrência disso, nos deparamos diante de um bombardeio de discursos de Educação Ambiental, que vem circulando diariamente nos veículos de comunicação de massa. A mídia se tornou um instrumento importante para disseminação da Educação Ambiental entre a população perante a crise ambiental, e dessa forma, vem produzindo sujeitos, modos de ser e viver na contemporaneidade. Frente a isso, esses discursos de Educação Ambiental vão tomando força e tornando-se cada dia mais presente em nossas vidas. Diante disso, ressaltamos a força com que esses discursos nos interpelam e nos provocam a pensar nessa crise ambiental que se instala na atualidade. Somos capturados diariamente pela mídia que nos conduz perante nossos atos mais comuns, determinando o que deve ser feito e como devemos agir frente aos problemas ambientais.

Além das propagandas midiáticas, das campanhas de empresas como bancos, redes de supermercados, entre outros, colocamos em evidência o cinema, que também vem chamando a atenção para a crise ambiental e nos provocando a pensar no futuro do Planeta. O filme *2012* (2009), dirigido por Roland Emmerich fala de uma possível catástrofe, que de acordo com o calendário Maia, atingiria a Terra em 2012. Com um panorama de destruição, desde a erupção do vulcão Yellowstone, a Califórnia sendo afogada pelo oceano, terremotos e tsunamis, o filme provoca medo e terror diante de um cenário apocalíptico. De outra forma, no cinema de animação infantil, destacamos os filmes *Batalha por T.E.R.A* (2007), e *Wall.e* (2008), ambos com discursos antropocêntricos onde o homem aparece como o principal destruidor do planeta. Os filmes em destaque mostram em meio a suas ficções, discursos que vem nos atravessando em relação ao futuro do Planeta e da espécie humana na Terra. De formas diferentes, os filmes alertam para as possíveis catástrofes que o homem poderá ser acometido no futuro. Diante disso, ressaltamos a força com que a mídia nos interpela e nos alerta para o futuro da vida na Terra. Esses discursos gerados pela mídia através das

propagandas, da internet, ou do cinema, e isso em escala mundial, vem colocando em circulação discursos de medo da perda do Planeta. Corroborando desta visão Bauman comenta que,

O que mais amedronta é a ubiqüidade dos medos; eles podem vazar de qualquer canto ou fresta de nossos lares e de nosso planeta. Das ruas ou das telas luminosas dos televisores. [...] Do que chamamos de “natureza” (pronta, como dificilmente antes em nossa memória, a devastar nossos lares e empregos e ameaçando destruir nossos corpos com a proliferação de terremotos, inundações, furacões, deslizamentos, secas e ondas de calor) (BAUMAN, 2008, p.11).

Nos dias atuais o medo cada vez mais está tomando conta de nossas vidas. Um sentimento conhecido de todos os seres vivos ao longo da história da humanidade parece que na modernidade tornou-se mais evidente. O medo da perda do Planeta e do futuro da existência humana na Terra, notavelmente atinge a todos nós em escala planetária. Esta constatação nos reporta ao que Bauman chamou de medo derivado.

O “medo derivado” uma estrutura mental estável que pode ser mais bem descrita como sentimento de ser suscetível ao perigo; uma sensação de insegurança (o mundo esta cheio de perigos que podem se abater sobre nós a qualquer momento com algum ou nenhum aviso) e vulnerabilidade (no caso de o perigo se concretizar, haverá pouca ou nenhuma chance de fugir ou se defender com sucesso; o pressuposto da vulnerabilidade aos perigos depende mais da falta de confiança nas defesas disponíveis do que do volume ou da natureza das ameaças reais) (BAUMAN, 2008, p. 9).

Em tempos contemporâneos os modos de vidas na sociedade encontram-se instáveis, provisórios e isso nas mais variadas esferas de nossas vidas, sejam nas relações de amizade, no trabalho ou na família.

Vivemos a modernidade líquida, onde tudo se transforma rapidamente e a sociedade a todo o momento precisa se moldar, criando estratégias de existências em meio a um conjunto de condições e possibilidades instáveis, provisórias e mutantes. Bauman se utiliza dessa metáfora para indicar o estado de volubilidade em que nos encontramos. Ao descrever os líquidos, Bauman salienta que,

O que todas essas características dos fluídos mostram, em linguagem simples, é que os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluídos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo [...], os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas “por um momento” (BAUMAN, 2001, p.8).

Vivemos em uma sociedade marcada pelo consumo e para o consumo, onde tudo se transforma rapidamente. Precisamos estar atentos as grandes possibilidades de transformações constantes em que vivemos. Podemos dizer que hoje não temos mais necessidade das coisas, e sim um estado de incompletude e de constantes desejos.

O consumo deixou de ser uma prática banal do dia a dia, com raízes antigas, que atravessou os séculos, para se transformar no eixo das sociedades do presente, fonte de inspiração para a modelagem de uma enorme variedade de formas de vida e de padrões de relação entre as pessoas. Na sociedade de consumidores, as pessoas são ao mesmo tempo consumidoras e mercadorias (COSTA, 2009, p. 34).

A autora acima se refere ao consumo como sendo marca registrada de nossa sociedade, a linha organizadora tanto na ordem social, política, econômica quanto cultural, no qual nascemos, crescemos e somos educados. Nesse sentido, vale problematizar: de que forma nos tornamos sujeitos nos dias de hoje? Como nos constituímos e somos constituídos dentro de uma sociedade consumidora?

A crise ambiental apresenta-se hoje como um grande desafio da humanidade, e em consequência disso, ouvimos muito falar sobre o meio ambiente e sua devastação em campanhas publicitárias, filmes de animação, propagandas midiáticas, divulgações em empresas governamentais e não-governamentais. Desta forma, os meios de comunicação de massa constituem modos de vida, discursos e verdades, com campanhas massivas relacionadas à Educação Ambiental, e isto sempre ligado a uma estratégia de proteção com o mundo atual. (HENNING, RATTO; GARRÉ, 2010).

Há uma emergência da crise ambiental vivida por todos nós na atualidade e, diante disso, vale perguntarmo-nos: de que forma somos capturados por esses discursos que a todo o momento nos convidam a fazer a nossa parte, para que assim possamos salvar nosso planeta? É importante pensar de que forma viveremos daqui em diante nesse planeta, já que vivemos um período de constantes transformações técnico científico, de intenso crescimento demográfico, de desemprego, de ansiedade, de angústias. Neste sentido, Carvalho (2008) salienta que existe um jeito de ser sujeito ecológico no mundo de hoje, um novo estilo de vida com modos próprios de pensar o mundo e de pensar a si mesmo e as relações com os outros neste mundo.

Esse modo ideal de ser e viver orientado pelos princípios do ideário ecológico é o que chamamos de sujeito ecológico. O sujeito ecológico é um ideal de ser que condensa a utopia de uma existência ecológica plena, o que também implica uma sociedade plenamente ecológica (CARVALHO, 2008, p.65).

Esse sujeito ecológico vem sendo produzido em diferentes locais, nesse sentido, hoje em dia parece-nos imprescindível voltar nossa atenção para esses espaços como produtores de saberes: a mídia, a música, o cinema, são pedagogias culturais, que vem nos ensinando, nos educando e, a todo o momento produzindo modos de vida para o mundo de hoje. Diariamente somos incitados a pensar nessa crise ambiental que esta instalada em nossas vidas, através desses discursos referentes à perda do planeta, com visões antropocêntricas onde o homem aparece como o principal destruidor do planeta.

É necessário olhar a forma como recorrentemente entendemos esta crise, pois os discursos referentes à perda do planeta do qual somos alvos diariamente, nos mostra o quanto a crise ambiental é consequência da relação do homem com a natureza e da inadequada utilização de seus recursos naturais, do desenvolvimento tecnológico, da urbanização, da pobreza e, principalmente do nosso estilo de vida consumista.

Tendo como objetivo, problematizar de que forma a música, através do Rock'n Roll, vem contribuindo para pensarmos na crise ambiental que se instala na atualidade, trazemos para este estudo dois excertos de música da Banda Cólera.

Tratores derrubando Amazônia  
Camada de ozônio ferida sangrando  
Matança, egoísmo em massa  
É uma emergência.  
Tem muita mata, muita chuva e tem ar  
Espera só para ver os leões,  
As aves, os peixes e os imensos vulcões  
Bicho gente está doente  
**Deixe a terra em paz!**  
**Salve a terra já!**  
(Banda Cólera) [grifos meus].

**Salve a Terra já!**  
O planeta azul sendo exterminado,  
A terra tem sua vida, seu ar  
Um ar de planeta que quer sempre girar  
A vida é o motivo que faz  
Que faz com que a gente  
**Deixe a Terra em paz!**  
(Banda Cólera) [grifos meus]

Os dois trechos selecionados fazem parte do trabalho de uma banda de punk rock brasileira, no qual eles nos mostram que a música também vem se preocupando em abordar o problema ambiental em suas letras. As partes grifadas nos apresentam um discurso de salvação do Planeta, e que o homem precisa deixar essa Terra em paz. São discursos como esses que nos fazem pensar que o homem é o principal destruidor do nosso planeta, e que se não pensarmos sobre nossas ações diante da natureza, a vida em nosso Planeta estará ameaçada. Assim, a música ao ressaltar a emergência dessa crise ambiental, ressalta também uma visão antropocêntrica, onde homem aparece como o centro do universo. Destaca homem e natureza, meio ambiente e sociedade, e que nós precisamos cuidar desse Planeta, não por nos sentirmos pertencentes a ele, mas por medo da perdê-lo.

Nesse momento, apresentamos o gênero musical escolhido para este estudo a fim de mostrar o quanto a música é constituída e constituidora de questões sociais, políticas, econômicas e culturais. De forma sucinta, relatamos o surgimento do Rock'n Roll e o contexto em que a sociedade americana vinha atravessando neste período.

## Rock'n Roll: fenômeno cultural do século XX

### *Rock Around The Clock*

One, two, three o'clock, four o'clock rock,  
Five, six, seven o'clock, eight o'clock rock.  
Nine, ten, eleven o'clock, twelve o'clock rock,  
We're gonna rock around the clock tonight.  
Put your glad rags on and join me hon',  
We'll have some fun when the clock strikes one.  
We're gonna rock around the clock tonight,  
We're gonna rock, rock, rock, 'till broad daylight,  
We're gonna rock we're gonna rock around the clock tonight.  
When the clock strikes two, three and four,  
If the band slows down we'll yell for more.  
When the chimes ring five, six, and seven,  
We'll be right in seventh heaven.  
When it's eight, nine, ten, eleven too,  
I'll be goin' strong and so will you.  
When the clock strikes twelve we'll cool off then,  
Start rockin' 'round the clock again.

*“[...] Nós vamos dançar rock pelas horas hoje à noite, Nós vamos dançar rock, rock, rock, até o amanhecer [...]”* (Bill Haley e os Cometas, gravado em 1954).

Em um estudo, que tem a música como o instrumento principal de análise para pensar a sociedade e a crise ambiental, optamos pelo gênero Rock'n Roll. Este foi um fenômeno cultural do século XX, surgido nos EUA, que conquistou o mundo, permanecendo até os dias atuais. Mugnaini Jr. (2007, p.10) afirma que “nunca a música teve tamanha importância para a sociedade, e nenhum tipo de música tem sido tão influente quanto o Rock'n Roll [...]”. Nesse sentido, para ilustrar a importância desse gênero musical de estrutura harmônica tão simples, mas que se tornou uma forma de comportamento de toda uma juventude trazemos para este texto um pouco das raízes musicais do Rock'n Roll, bem como ressaltamos a importância do mesmo como movimento cultural. Para Foucault o rock,

[...] faz parte integrante da vida de muitas pessoas, como também é indutor de cultura: gostar de rock, gostar mais de tal tipo de rock do que de outro é também uma maneira de viver, **uma forma de reagir**; é todo um conjunto de gostos e atitudes.

O rock oferece a possibilidade de uma relação intensa, forte, viva, “dramática” (no sentido que ele próprio se oferece em espetáculo, de que a audição constitui um acontecimento e é encenada), com uma música que é pobre em si mesma, mas através da qual o ouvinte se afirma; [...] (FOUCAULT, 2009, p. 393) [grifo meu e, posterior, do autor].

Para o autor, o rock tornou-se um modo de vida de uma geração. Por ser considerado um movimento cultural, além das raízes musicais, o rock compreendia toda uma forma de ser, viver e agir dentro de um contexto social. A relação entre os jovens, a música, os músicos, as vestimentas e os artefatos utilizados possibilitou a toda uma juventude uma forma de afirmar-se enquanto indutores de uma cultura que evidenciava uma época.

O fim da Segunda Guerra Mundial deixa perdas incontestáveis com a morte de milhões de pessoas e um cenário de devastação incalculável. O mundo que surgira pós-guerra acaba por se dividir entre socialistas e capitalistas. De um lado a União Soviética e de outro os Estados Unidos, fazendo com que isso determinasse um futuro incerto que seria marcado por um período de constante insegurança. Durante este período, os EUA obtiveram um crescimento econômico muito elevado, com destaque para a agricultura e um notável desenvolvimento no setor industrial. Os anos que se seguiam a guerra eram de prosperidade devido à situação econômica que atravessava os nortes americanos, principalmente a partir da década de 50. A sociedade americana era vista como a terra dos bens de consumo, e do elevado desenvolvimento da produção industrial. Começava a batalha americana para tornar-se uma superpotência capitalista, com o desígnio de dominar todo o território ocidental.

A situação financeira das famílias norte-americanas estava em ascensão, o que acabou levando ao surgimento de um novo grupo de consumidores. Com a ajuda de custo dessas famílias, os jovens que embora passassem a ter menos obrigações perante o trabalho, adquiriram ao mesmo tempo, um maior poder de compra, o que os tornou alvo da indústria americana. Adereços como roupas, fast food, carros e música, foram alguns dos artefatos consumidos por esse novo público.

É dentro desse cenário de produção industrial, expansão de economia de consumo dos países ocidentais e do desenvolvimento dos meios de comunicação que surge o Rock'n Roll. Uma música simples, influenciada pelo Folk e o country, considerada a música dos brancos, e também pelo Blues, o Jazz, o Gospel e o Rhythm and Blues (R&B), estilos musicais dos negros. O Rock'n Roll que surgira da evolução dos ritmos negros, as classes baixas, passou a ser consumido por jovens brancos, da classe média, o que tornou uma ameaça ao equilíbrio de uma sociedade norte-americana conservadora. Isso por que,

Muitos jovens dos anos 50 viam no rock and roll uma expressão de rebeldia e de uma inquietude crescente contra a perceptível rigidez e banalidade de uma época dominada por políticos republicanos conservadores e pela musicalidade de Mitch Miller. O rock and roll lhes deu um senso de comunidade, como dariam os protestos antiguerra da geração seguinte (FRIEDLANDER, 2010, p. 46).

A sensação gerada por esses ritmos é de emoção, excitação e, é também um convite à dança, isso por que a raiz do rock continha características altamente sensuais herdadas da cultura africana, o que acabou na época escandalizando a sociedade tradicional e moralista norte-americana. A mistura desses gêneros musicais traz em sua origem elementos que serão encontrados no Rock'n Roll. Uma música negra, sensual, feita para uma juventude pós-guerra que passava a questionar o modelo de comportamento americano. Enquanto que, as letras de

alguns músicos de rock abordavam temas de amor, outras traziam a necessidade de uma juventude descontente com os paradigmas de sua época. A liberdade de expressão começa a se contrapor ao conservadorismo da sociedade norte-americana. A forma como os músicos se comportavam nos palcos, os vocais pesados e as letras, continham elementos que acabaram sendo considerado um ataque à decência sexual naquele tempo. Para alguns historiadores, o advento desta música impulsionou a separação de uma juventude do controle familiar, em um tempo que os jovens desconheciam esses modos ser e de viver.

[...] voz grave e rouca, sua sexualidade transparente e seu som pesado agora alimentado pela guitarra elétrica, tudo isso parecia bem mais atrativo a milhões de jovens, inicialmente americanos, mas logo por todo mundo, o que pareciam procurar seu próprio estilo de vida (CHACON, 1995, p.10).

Com o nascimento do Rock'n Roll, que significa balançar e rolar surge também toda uma cultura juvenil, baseada em modelos de comportamentos, modos de ser, pensar, vestir e agir. Este fenômeno cultural do século XX pode ser considerado como o único estilo musical até os dias atuais, capaz de transformar milhões de jovens pelo mundo. O Rock'n Roll aparece como uma expressão artística da tecnologia, e através dele, toda uma juventude reprimida pela guerra, busca romper com o conservadorismo, com padrões de comportamento de uma época, clamando por mudanças e sonhando com um mundo melhor.

Um dos pioneiros do Rock'n Roll, Bill Haley aparece com a música *Rock Around The Clock*, o primeiro grande sucesso do Rock'n Roll gravado em 1954, mas que só viria a fazer sucesso quando veiculada ao filme *Sementes da Violência* em 1955. Esta canção foi responsável por levar, através do cinema, o estilo jovem roqueiro para quase todo o mundo. A aparição desta música no cinema rendeu a Bill Haley muito sucesso e sua marca na história do rock vendendo mais de 30 milhões de cópias desde seu lançamento. Trazendo experiência do country, do blues, do jazz e do rhythm and blues, Bill Halley criou uma música rápida, ritmada e dançante, que narrava o modo de vida dos adolescentes dos anos 50 (FRIEDLANDER, 2010).

Além da indústria fonográfica, o cinema Hollywoodiano teve uma participação muito importante para a divulgação do Rock'n Roll. Astros do cinema como Marlon Brando (*Um Bonde Chamado Desejo, 1951; O Selvagem, 1954*) e James Dean (*Vidas Amargas, 1954; Juventude Transviada, 1955*), tornam-se ídolos da juventude na década de 50. Através do cinema o mundo conhecia a imagem visual do que viria a ser um roqueiro – calças jeans, camisetas e casacos de couro, além de seus topetes.

Desde seu surgimento, o rock atribuiu um sentido contestador, seja político, social ou cultural. Este gênero, nos anos 50, descreve principalmente a vida dos jovens norte-

americanos do pós-guerra, que era representado através das letras de música, como mencionado anteriormente. Em contra partida, no fim dos anos 50 e início da década de 60, o rock passa a adquirir um sentido de ativismo político. Eram tempos de guerra fria, a sociedade começara a protestar. Sonhar, almejar, idealizar uma sociedade melhor para todos, emergiu na década de 60 do século passado. Entram em cena, os jovens, que buscam um mundo mais justo. As letras de música passaram a criticar os valores e comportamentos da sociedade tradicional. Este movimento de contracultura criava alternativas que se contrapunham a vida rígida e conservadora dominada pela Guerra Fria. Os artistas que faziam parte da comunidade da contracultura, durante essa época, eram adeptos do uso de drogas alucinógenas, onde os mesmos acreditavam que o uso desses entorpecentes aumentava a qualidade de vida e a criatividade artística (FRIEDLANDER, 2010, p.268). As canções continham um conteúdo crítico, com uma preocupação social, ressaltando em suas letras temas contemporâneos, como a Guerra do Vietnã. No cinema, *Hair* dirigido por Milos Forman (1979), é uma versão da peça escrita por James Rado e Gerome Ragni, estreada na Broadway em 1967. O filme representava o ideário do que foi o movimento da contracultura nos Estados Unidos. Abordando temas como o pacifismo, o amor livre, o uso de drogas alucinógenas, o filme retratava todos os temas deste movimento, como: a segregação racial, a polícia, os militares, a propriedade privada e a família tradicional burguesa, criticando o modelo de sociedade capitalista e individualista norte-americana (ALBUQUERQUE, 2009). Através de uma vida comunitária, os jovens de cabelos longos e desarrumados, se opunham ao modelo de controle e rigor do estilo de vida na época. Desta forma, a década de 60 ficou marcada pelo surgimento desses grandes movimentos sociais, como a contracultura, o movimento ecológico, o movimento feminista, movimento hippie, entre outros. No cenário musical, esta década é lembrada pelos festivais de Rock. Importantes nomes do gênero como Bob Dylan, Janis Joplin, Jimi Hendrix, Rolling Stones, entre outros, participaram ativamente dos grandes eventos. Festivais como *Newport Folk Festival* (1965), *Woodstock* (1969), e logo depois, o *Festival de Altamont* (1969), reuniram milhares de pessoas em prol dos mesmos objetivos.

A importância de destacar esses festivais se dá pelo número de pessoas que foram reunidas em prol de uma mesma causa. O Festival de *Woodstock* 1969, por exemplo, realizado em Bethel, Nova Iorque, reuniu milhares de pessoas que tinham como propósito o movimento da contracultura, e que viam nesse festival uma forma de se manifestar contra uma sociedade americana que estava infestada pelo desejo de controle.

Mais de 400 mil pessoas sob o slogan de *3 DAYS of PEACE & MUSIC*, e o festival ficara marcado por muito sexo, drogas e Rock'n Roll. As bandas de Rock de cunho crítico manifestavam-se contra a Guerra do Vietnã, a liberdade, o sexo, as drogas e as críticas sociais.

A partir da década de 80, importantes festivais de rock foram realizados com finalidades mais específicas. O *LIVE AID* realizado em 13 de julho de 1985, tinha como propósito arrecadar alimentos para a fome na Etiópia.

No Brasil, em 1985, acontecia a primeira de edição do *Rock in Rio*. Importantes nomes do Rock internacional e nacional participaram do evento que foi assistido por 1,4 milhões de pessoas. Na terceira edição realizada em 1991, decidiu-se pelo três minutos de silêncio pela paz e um mundo melhor.

Desde 2010 acontece em Paulínia, interior de São Paulo, o Festival *SWU Music and Arts*. A sigla SWU representa a expressão “Starts With You” em português “Começa Por você”. Paralelamente ao festival acontece o Fórum Global Mundial, que nesta segunda edição (2011) contou com o tema “Consciência e atitude”. O objetivo do festival que tem duração de três dias é reunir artistas, empresários, políticos, Organizações Não-Governamentais para discutir a Sustentabilidade e o Meio Ambiente através de debates e palestras.

No início da década de 60, a segunda geração do rock clássico, entrava em declínio. Os músicos passaram a ser vítimas do governo, igreja e de líderes civis. Este período foi considerado de transição para esta música. “Uma forte pressão exercida por líderes religiosos e seculares, órgãos oficiais e interesses de gravadoras junto à indústria fonográfica serviu para enterrar o rock dos anos 50” (FRIELANDER, 2010, p. 105). O rock só voltaria a invadir a América com a chegada de uns dos quartetos mais famosos do mundo: os *Beatles*.

Nos anos 60, surgia na Inglaterra uma nova batida, procedente da mistura do rock clássico, rockabilly, blues e pop. A fusão desses ritmos, liderada pelos *Beatles*, viria a ser considerado o gênero musical de maior sucesso comercial e de crítica da história da música popular. Introduzindo novas questões políticas e culturais, o impacto dessa música proporcionou uma grande mudança na cultura ocidental. Neste período, devido à evolução das tecnologias da comunicação e do marketing, acabou possibilitando ao quarteto de Liverpool, transmitir ao maior número de pessoas as mensagens e os conteúdos de suas letras.

Para fazer o fechamento desta breve contextualização do rock, rapidamente abordaremos uma das ramificações deste gênero musical: o punk. A escolha de falar brevemente sobre o punk rock justifica-se por este ser um estilo de rock contestador e que surge principalmente como uma crítica ao próprio Rock'n Roll dos anos 50 e 60.

O punk rock musicalmente é uma volta às raízes do rock clássico (anos 50) e do rock de garagem (anos 60). Dono de um ritmo enérgico, surgido em meados da década de 70, é considerado um movimento de cunho crítico, de amplo conteúdo político em suas letras, sempre contestando o estado ou qualquer outra instituição reguladora. Considerado um dos estilos musicais mais contestadores, as bandas assustavam a sociedade pela sua vestimenta, suas formas de comportamento e as distorções de suas guitarras.

De acordo com o historiador Friedlander (2010) para o surgimento desse gênero musical existem duas teorias antagônicas. A primeira baseia-se em um cenário de declínio da economia britânica, desemprego e violência. Com salários baixos e difícil acesso à educação para as classes menos favorecidas, o punk rock surge como uma forma dos jovens descontentes com a atual situação da Inglaterra manifestar-se através de uma música que viria a ser agressiva e repleta de atitude e estilo. Desta forma, receosos com um futuro incerto, passavam a mostrar através da música, suas indignações e insatisfações contra o sistema, por meio de muita rebeldia e provocações.

A segunda teoria fundamenta-se no que tange ao estilo e as atitudes, pois estas estariam pautadas em um movimento musical que se originaria da escola de arte. Os principais integrantes das bandas de punk rock e importantes empresários deste gênero teriam freqüentado às escolas de arte, trazendo para esta música, conceitos estéticos, teorias de subversão e discussões sobre choque de valores. Algumas das bandas de maior sucesso do gênero seriam *Sex Pistols*, *The Clash*, *Ramones* e no Brasil a banda *Cólera*, considerado o grupo de maior duração desse gênero. No Brasil, a banda *Cólera* tem sido um grupo importante para pensarmos a crise ambiental que se instala na atualidade. O grupo que faz parte desse estudo contempla em seu repertório um número bastante elevado de letras que aborda a temática ambiental.

### **Considerações Finais**

Pois bem, é dentro desta perspectiva que este estudo se apresenta. Nesse sentido, pensamos na música, nas letras de Rock'n Roll para problematizarmos na força e na veracidade com que esses discursos de crise ambiental vêm nos interpelando e nos constituindo enquanto sujeitos nos dias de hoje. Desta forma, pretendemos provocar o leitor a refletir sobre a importância desta arte para o campo a Educação Ambiental, bem como, problematizar sobre a contribuição do Rock'n Roll na construção de um sujeito ecológico. Para isso, é importante pensar em nossas ações cotidianas e nas implicações de tais ações em nossos modos de vida. Como nos convida Guattari (1990), que possamos produzir espaços de

potência a partir de micro intervenções na busca por pequenas rupturas diárias diante de nossas relações com o meio ambiente, para além de uma preocupação com o medo da perda do planeta.

Colocar tais discursos sob exame não significa dizer que não devemos nos preocupar com nossas atitudes cotidianas em prol do meio ambiente. Colocamos em discussão alguns enunciados que compõem o discurso de crise ambiental, estes marcados pela periculosidade, fazendo com que os medos tomem conta de qualquer ação a favor do planeta. Talvez valesse problematizar como e se nos entendemos pertencentes ao meio ambiente? O que nos move para tomar atitudes preocupadas com a sustentabilidade da Terra e de nossa vida cotidiana? Muito mais do que preocupações com o futuro talvez valesse pensar no presente e em nossas diferentes formas de experimentarmos as relações com o ambiente, em tempos líquidos.

Gostaríamos que nosso texto pudesse provocar novas discussões no campo da Educação Ambiental, entendendo-a como um importante instrumento de ação política na sociedade atual. Talvez pudéssemos, aceitando o convite de Guattari (1990), pensarmos na criação de uma ecosofia, produzindo espaços éticos e políticos para o campo da Educação Ambiental.

#### **REFERÊNCIAS:**

- ALBUQUERQUE, Leila Marrach Basto de. Hair: “Paz e Amor!”. *Revista Nures*, n.12, p. 1-9, Maio/Agosto 2009.
- BAUMAN, Zigmunt. *O mal estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Medo Líquido*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2008.
- BAY, Dora Maria Dutra. Arte & Sociedade: Pinceladas num tema insólito. *Cadernos de pesquisa interdisciplinar em ciências humanas*, n. 78, 2006.
- CARVALHO, Isabel. *Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico*. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- COSTA, Marisa Vorraber. O Consumismo na Sociedade de Consumidores. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.) *A Educação na Cultura da Mídia e do Consumo*. Rio de Janeiro: Ed. Lamparina, 2009.
- CHACON, Paulo. *O que é Rock?* São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995.

FOUCAULT, Michel. *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2009.

FRIEDLANDER, Paul. *Rock and Roll: uma história social*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2010.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas, SP: Ed. Papyrus, 1990.

HENNING, Paula Corrêa; RATTO, Cleber Gibbon e GARRÉ, Bárbara Hees. *Educação Ambiental, Mídia e Biopoder*. Artigo aprovado na 33<sup>a</sup> Reunião Anual da ANPED. Caxambu, 2010

MUGNAINI Jr., Ayrton. *Breve História do Rock*. São Paulo: Ed. Claridade Ltda, 2007.

VINCE, Geraldo José. *Ciência, Música e Sociedade*. Disponível em: [www.memoriadamusica.com.br](http://www.memoriadamusica.com.br) Acesso em: 23 janeiro 2012.